



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Jucimara Moreira Couto Bastos¹

INTRODUÇÃO

Por conta do Covid-19 existem aproximadamente 1,5 bilhões de alunos que se encontram em isolamento social em suas residências que estão sem aulas ou em aulas não presenciais e milhares de professores que estão se aperfeiçoando nas novas formas de ensinar para que o impacto na educação não seja tão grande. Podemos dizer que estamos vivenciando um momento que antes a educação nunca tinha se pensado; a escola brasileira não tinha experimentado como agora utilizar em suas aulas ferramentas digitais para ensinar. Diante desse fato, o CNE (Conselho Nacional de Educação) e o MEC (Ministério de Educação) buscaram adequar as necessidades para que a educação não parasse, através da sua Portaria nº 343, 17 de março de 2020, autorizou as instituições de ensino a modificarem as aulas presenciais para as aulas não presenciais, utilizando-se para isso de ferramentas digitais. Muitas escolas se adequaram sem dificuldade, como também muitas não conseguiram ainda se adequar devido diversos fatores. Mediante a Portaria nº343 elaborada pelo Mec, as escolas passam a utilizar os recursos tecnológicos com a finalidade de minimizar o prejuízo da educação em tempos de pandemia, oferecendo aos alunos um ensino em suas residências, para que o isolamento e distanciamento social seja concretizado. Nessa perspectiva, faz-se necessária também modificação no Projeto Político Pedagógica da escola para se adequar as mudanças pedagógicas e metodológicas do ensino atual. Na educação básica a etapa mais delicada e preocupante para utilizar as ferramentas digitais é no processo de alfabetização e letramento, pois essa

¹Pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo, Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: maramoreira_fsa@yahoo.com.br.



etapa tem como uma de suas bases a necessidade de continuidade das experiências em torno da interação, troca de experiências, afetividade, do lúdico e do desenvolvimento social, emocional da criança buscando propiciar um contexto adequado para a ampliação do processo de letramento. Mesmo que o público infantil seja a categoria menos afetada pela covid-19 em termos de adoecimento com sintomas graves, porém a criança é a mais atingida em sua dimensão cognitiva, principalmente na fase de alfabetização e letramento devido ao contexto de isolamento desfavorecer o amadurecimento das relações sociais. Espera-se que a criança seja alfabetizada nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 2º ano).

Para Vygotsky a aprendizagem é fruto das interações sociais; o desenvolvimento do ser humano justifica-se por tudo aquilo que ele constrói socialmente ao longo de sua história, sendo que a escola é um dos espaços que tem grande representatividade na formação do sujeito. Diante do contexto atual surgem várias indagações e inquietações acerca da alfabetização e do letramento no formato do ensino não presencial, ou seja, questiona-se, assim, como se pode alfabetizar essas crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em tempo de pandemia? Quais são os desafios que o professor enfrenta para alcançar os objetivos de aprendizagem abordados nos documentos educacionais sobre a alfabetização da criança em tempos de pandemia?

TROPEÇANDO NAS PEDRAS DO CAMINHO

A caminhada é repleta de obstáculos! O professor além de ter que se planejar mediante as ferramentas digitais pouco conhecidas ou desconhecidas, precisa reformular as aulas em pouquíssimo tempo. Não é fácil! Assegurar a atenção da criança durante muito tempo em aulas não presenciais (remotas) tem sido um grande desafio para os professores. A criança tem tempo de concentração por idade, por exemplo, aos 6 anos seu tempo máximo de concentração é de 12 à 30 minutos, aos 7 anos 14 à 35



minutos e aos 8 anos é de 16 à 40 minutos. Mediante tal tempo de concentração das crianças e o ensino remoto atual, faz-se necessário que o professor realize atividades que visem a favorecer o desenvolvimento de concentração da criança, atividades estimulantes com jogos, brincadeiras, curiosidades, atividades divertidas que chamem a atenção da criança. Além disso, a demanda ao professor para planejar as aulas é bem maior no ensino remoto, visto que exige dele maior dedicação aos estudos, pesquisas, construção do planejamento, pensar em metodologias significativas para o aluno de forma individual, o que é bastante diferente da dinâmica presencial de sala de aula. Não bastassem todas essas dificuldades, temos ainda os pais e responsáveis pelas crianças insatisfeitos com o método do ensino não presencial e não apoiando seus filhos com acompanhamento nas atividades de casa. Segundo ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

As crianças têm direito de ser criadas e educadas no seio de suas famílias. O Estatuto da Criança e do Adolescente reafirma, em seus termos, que a família é a primeira instituição social responsável pela efetivação dos direitos básicos das crianças. Cabe, portanto, às instituições estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil (RCNEI, 1998, p. 75).

A relação família e escola é fundamental na construção da identidade da criança, quando a família não concorda com o ensino não presencial pode bloquear o aprendizado da criança e esse resultado pode ser irreversível. Segundo a LDB 9.394/96 em seus artigos 2º e 6º, a educação é um direito de todos e é dever da família acompanhar e matricular a criança na escola, toda criança deve participar das aulas, sem que haja impedimento familiar ou do Estado.

Pereira (2012) enfatiza que a relação família escola é fundamental, ambas, devem construir em sua formação enquanto sujeito na sociedade, a preparação, acolhimento e cognição. Em tempo pandêmico é o momento de unir forças e esforços. É justo reconhecer que, nem todas as famílias e



escolas têm os recursos necessários para que as aulas remotas aconteçam com qualidade, como também nem toda família dispõe-se e/ou quer ensinar suas crianças, usando a justificativa de que é a escola que tem a competência e habilidade para ensiná-las. Por mais metodologias ativas que a escola proporcione para promover a alfabetização e o letramento, existe uma lacuna muito grande entre o professor e o aluno na situação do ensino remoto.

A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE

Paulo Freire foi um dos educadores do século XX que mais vivenciou os obstáculos na alfabetização; ele enfrentou barreiras metodológicas, sociais, econômicas, culturais e políticas, mas durante sua trajetória educacional buscou entender que o professor tem uma habilidade e competência para mudar a situação mesmo quando tudo se torna muito difícil. A esperança de que durante o caminho percorrido podemos alcançar resultados educativos positivos é uma das ferramentas pedagógicas do professor. Paulo Freire (2011, p. 52), no livro *Pedagogia da Autonomia* diz que: “sei que todas as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las”. Essa fala nos traz um estímulo para o professor comprometido com a educação em qualquer contexto, pois somos estimulados para utilizar as pedagogias existentes, lembrando-nos que as pedagogias são vivas e não morrem, mas podem ser renovadas a cada dia.

Infelizmente, as famílias das crianças têm bem mais dificuldades para identificar bons resultados educacionais, pois quase muitas vezes desconhecem metodologias de ensino e não adquiriram competências para lutar pela mudançada realidade educacional; mesmo assim, as famílias continuam sendo mediadores no processo de ensino das crianças e o docente continua em cena como principal mediador.

CONSIDERAÇÕES



Com a mudança do ensino presencial para o não presencial os desafios educacionais tornaram-se maiores, principalmente na alfabetização e no letramento; tanto para os professores que são demandados com mais trabalho e ressignificação do ensino, quanto para as famílias que passam a assumir maior responsabilidade com as crianças nas atividades de ensino.

O aperfeiçoamento e a qualificação do professor em tempos de pandemia são fundamentais para promover um ensino de qualidade. Infelizmente boa parte dos docentes não estão familiarizados com as ferramentas digitais necessárias para o ensino não presencial; além disso, temos ainda uma grande quantidade de estudantes que não têm acesso a internet, principalmente aqueles cuja origem são as famílias de baixa renda. Esse também é um dos maiores desafios do momento atual.

Diante do que foi exposto, questionamos: quem será esse alguém que precisa se responsabilizar pela alfabetização e o letramento das crianças por meio do ensino remoto? O professor, a criança, a família, o estado ou a sociedade? Acreditamos que todos esses sujeitos são responsáveis e devem apresentar-se em uma só conexão, como um conjunto. Um ponto de partida para desencadear o trabalho conjunto é o professor. Precisamos refletir que a sociedade convida-nos a ressignificar sobre um sistema educacional público regido pelas transformações sociais e pela necessidade de compreender e trabalhar com os conhecimentos mediados pela tecnologia digital. Relações sociais atuais mediadas pelas novas tecnologias impulsionam transformações que perpassam todos os âmbitos da vida humana, desde o consumo até a cultura e educação, trazendo novas e desafiadoras possibilidades de viver a realidade e projetar o futuro. A relação do homem com a sociedade é modificada a todo instante, pois trata-se de uma relação dinâmica do eu com os outros, no mundo físico e mental, ressignificando conhecimentos de mundo e as trajetórias das pessoas para saber lidar com a diversidade dos saberes pedagógicos e social.

REFERÊNCIAS



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. **Lei de Diretrizes da Educação Nacional**- LDB. Nº 9.394/96, Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação. **PORTARIA Nº 343**, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 03 de abril de 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PEREIRA, E. C. Família e escola: Quais são os papéis? **Gazeta do povo**. s.v., s.n., p.1, 2012. Disponível em: <<https://gazedopovo.com.br/blogs/educacaoemidia/familia-e-escola-quais-sao-os-papeis/>>. Acesso em: 03 de abril de 2021.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.